Um certo sertão goiano: intersecções entre memória e literatura nos contos de Bernardo Élis e Hugo de Carvalho Ramos

A certain backlands region of Goiás: intersections between memory and literature in the short stories of Bernardo Élis and Hugo de Carvalho Ramos

Una cierta región del interior de Goiás: intersecciones entre memoria y literatura en los cuentos de Bernardo Élis y Hugo de Carvalho Ramos

Gleidson de Oliveira Moreira
https://orcid.org/0000-0003-3671-2811
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Maria Zeneide Carneiro Magalhães de Almeida
https://orcid.org/0000-0003-2220-9932
Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO)

Resumo

Neste artigo, aborda-se a ideia de sertão nos contos de Hugo de Carvalho Ramos (2023) e Bernardo Élis (2012). O objetivo é pensar o sertão como lugar estruturante da brasilidade a partir de produções regionais, especificamente na literatura goiana (Abdalla, 2023). Busca-se, por meio da dialogia entre esses autores, refletir as intersecções entre a memória e a literatura como campo de manifestação de consciência e pertencimento da goianidade, tal como as pessoas se veem, agem, pensam e existem (Braga, 2000). Metodologicamente recorre-se à análise comparativa dos autores e seus contos. Espera-se contribuir com essa análise para estudos acerca da memória acionada pelo sertão, matéria-prima da literatura.

Palavras-chave: literatura regional, sertão, memória.

Abstract

This article addresses the idea of the sertão (backlands) in the short stories of Hugo de Carvalho Ramos (2023) and Bernardo Élis (2012). The objective is to consider the sertão as a structuring place of Brazilian identity based on regional productions, specifically in the literature of Goiás (Abdalla, 2023). Through a dialogue between these authors, it seeks to reflect on the intersections between memory and literature as a field of manifestation of consciousness and belonging to Goiás identity, as people see themselves, act, think, and exist (Braga, 2000). Methodologically, it uses a comparative analysis of the authors and their short stories. It is hoped that this analysis will contribute to studies on memory activated by the sertão, the raw material of literature.

Keywords: regional literature, backlands, memory.

Resumen

Este artículo aborda la idea del sertão (trastierras) en los cuentos de Hugo de Carvalho Ramos (2023) y Bernardo Élis (2012). El objetivo es considerar el sertão como un espacio estructurador de la identidad brasileña a partir de producciones regionales, específicamente en la literatura de Goiás (Abdalla, 2023). Mediante un diálogo entre estos autores, se busca reflexionar sobre las intersecciones entre memoria y literatura como campo de manifestación de la conciencia y pertenencia a la identidad de Goiás, tal como las personas se

perciben a sí mismas, actúan, piensan y existen (Braga, 2000). Metodológicamente, se utiliza un análisis comparativo de los autores y sus cuentos. Se espera que este análisis contribuya a los estudios sobre la memoria activada por el sertão, materia prima de la literatura.

Palabras-clave: literatura regional, zonas rurales, memoria.

Introdução

O que norteia este artigo é o estudo do conceito de sertão para além do aspecto idiossincrático de um imaginário nacional que esteve associado à expressão de matriz dualista, reforçada pelos aspectos não-civilizados e não-brancos, cuja ótica sociológica associa o sertão à ideia de vazio, o que requer ser retomado.

Desde meados do século XIX persiste, na história do pensamento social brasileiro, a concepção de um país moderno no litoral em contraposição à imagem refratária de um país atrasado no interior (Viana, 1973). Em contraste com a superficialidade do olhar litorâneo, a abordagem do tema proposto está associada à forma como os intelectuais perceberam os caminhos da modernidade no Brasil (Cury, 1997), particularmente no que se refere à transição dos séculos XIX para o XX, cujas distâncias sociais e culturais foram estabelecidas no Brasil pelo pensamento europeu.

Polaridades como atraso/modernidade, homem/natureza, urbano/ rural, sertão /litoral permearam o pensamento nacional, realçando concepções marcadas por uma hierarquia racial e simbólica identificadas na reprodução estigmatizada do significado do sertão brasileiro e a tudo a ele relacionado (Cury, 1997). Nesse sentido, o pensamento social esteve fundado em uma intelectualidade inventora de um país imaginado. Diante da precariedade da defesa de um sertão entendido como inóspito e atrasado, típico de homens rústicos assemelhados à extensão da natureza, elege-se, aqui, o *ethos* do homem no interior brasileiro como contraponto ao olhar etnocêntrico que forjou a existência do sertão fundamentado apenas nos fatores biológico e geográfico (Costa, 2018).

1. Polissêmico: o sertão na literatura nacional

Durante anos prevaleceram, na literatura brasileira, imagens figurativas de homens brancos como heróis (Silva, 2006), atitudes reificadas por escritores e jornalistas que, ao descreverem o sertão, o fizeram de forma estigmatizada – tal como Euclides da Cunha em *Os sertões* (1902). Embora considerada uma obra incontestável da literatura nacional, *Os*

sertões é representativo de um dos vários momentos de modernização vividos pelo Brasil, especialmente com o advento da Primeira República (1889), símbolo de progresso. A obra de Euclides da Cunha oferece um ponto de inflexão: ao narrar a Guerra de Canudos a obra enuncia um "lugar garantido" de um Brasil civilizado que, ao rechaçar o sertanejo, consolidou a ideia de nação embotada na força da natureza, pensamento que, posteriormente, em 1922, foi subvertido pela Semana de Arte Moderna de São Paulo (Costa, 2018).

O posicionamento pré-modernista de Euclides da Cunha situa o pensamento nacional submetendo-o à matriz europeia, sendo que o vocabulário marcado pela linguagem científica da época revela preocupações em explicar o Brasil por meio de teorias – tais como a evolucionista e a lombrosiana (século XIX). Euclides da Cunha, no entanto, não foi o único escritor formado no sudeste do país influenciado por concepções europeizantes. A geração intelectual de 1870, semelhantemente à geração romântica, que visava estabelecer o perfil do homem brasileiro sob a égide da ciência, foi influenciada pelo destaque dado às condições climáticas, geográficas e topográficas do Brasil, motivos que explicavam a miséria, o atraso e o fanatismo religioso identificados como argumentos deterministas no âmbito psicológico, social, climático e físico da nação (Costa, 2018).

Contemporâneo de Euclides da Cunha, Lima Barreto pensou o sertão na perspectiva de uma crítica social (Fernandes, 2017). Por entendê-lo polissêmico, o sertão para Lima Barreto era síntese da nação, evitando alimentar posicionamentos deterministas, que, por interesses inconciliáveis com a Primeira República, comprometessem o sentido de progresso.

Foi com a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915) que Lima Barreto contribuiu, em termos de literatura, para a evolução de uma exaltação idealizada do país para uma denúncia social crua e direta de seus aspectos sociais e culturais. Na citada obra, ambientada em uma fazenda no interior do Rio de Janeiro, o autor faz uma analogia com o sertão nordestino e denuncia a negligência da República apresentando a metáfora de abandono muitas vezes espelhada na desorganização social e política que comprometeu, inclusive, a alimentação da nação, então ameaçada por saúvas (Fernandes, 2017).

Policarpo Quaresma, personagem da obra, denuncia a mesma lógica de abandono vivido pelas pessoas no sertão nordestino; evidencia um sertão urbano como espaço inóspito e marginal. Posicionando-se contrário ao regionalismo romântico e exótico apresentado por Euclides da Cunha, Lima Barreto retoma a ideia de civilização e desmistifica o sertão

apresentado como um problema estrutural no qual as desigualdades sociais não distanciavam os problemas do Nordeste daqueles vividos no Rio de Janeiro.

Outro autor consonante às discussões sobre o sertão é Guimarães Rosa. Para ele o sertão não é um pedaço de terra árida, mas um vasto território de emoções. Em *Grande sertão: veredas* (1956) o sertão é cenário e personagem e a análise do autor não se restringe à paisagem enunciada pela geografia que o imaginário popular descrevia. Guimarães Rosa a expande, observando o sertão como universo simbólico, um reflexo de angústias humanas manifestadas por atitudes de inquietude, como a do jagunço Riobaldo (Abdalla; Gonçalves, 2023) que, mergulhado em uma luta entre o bem e o mal, fosse no mundo real ou metafísico, deixou gravado o retrato humanizado do próprio sertão na obra de Guimarães Rosa.

De imaginário singular, o escritor mineiro revela o sertão como lugar de extremos – calor, solidão, grandeza, mistério e profundidade emocional – e o reconhece como arena de disputas onde o humano se defronta com dilemas universais: a precariedade, a coragem e a lucidez humana (Abdalla; Gonçalves, 2023). Para Guimarães Rosa (Barbosa, 2008), o sertão representava lugar de ambiguidades no qual valores morais se dissolviam e os conceitos de certo e errado eram relativos.

Como se pode ver, as discussões que envolvem o sertão na literatura brasileira se situam justamente no campo da contradição, tornando-se ponto de convergência para diversos intelectuais e áreas do conhecimento: Sociologia, História, Geografia, Psicologia, Antropologia e a Literatura. Nas Ciências Humanas o caráter múltiplo mesclado pelo sertão contribui para conceber o humano como inclassificável. Pensar os modos de sentir e agir da sociedade tornou-se legado para várias ciências e suas epistemologias (Barbosa, 2008).

Como bem registra Sergio Paulo Rouanet, em época de descrença com relação aos paradigmas tradicionais: o sertão é uma alternativa para se reavaliar a questão da identidade (Rouanet, 1995). E é nessa linha de pensamento que aludimos a análise dos contos de dois goianos: A madre de ouro, em *Tropas e boiadas* (2023), de Hugo de Carvalho Ramos, e Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá, em *Ermos e gerais* (2005), de Bernardo Élis.

É importante destacar que Hugo de Carvalho Ramos foi leitor de Euclides da Cunha e foi lido por Guimarães Rosa, que, por sua vez, também leu Euclides da Cunha. Essa rede de diálogos foi incrementada com o ingresso de Bernardo Élis na Academia Brasileira de Letras em 1975, oito anos depois que Guimarães Rosa (Barbosa, 2008).

No momento em que Bernardo Élis surgiu na cena literária brasileira o sertão nordestino já havia sido incorporado à cultura do país, desde o regionalismo romântico d'*O*

sertanejo, de José de Alencar, ao romance social da década de 1930, passando por manifestações como o rude naturalismo de Rodolfo Teófilo. A obra de Bernardo Élis, precedida por *Tropas e boiadas*, de Hugo de Carvalho Ramos, deu continuidade à tendência realista-naturalista, em sentido amplo, caracterizando o regionalismo brasileiro ao participar da construção de uma narrativa "goiano-mineira" (Barbosa, 2008).

> Desde o aparecimento de *Ermos e gerais*, em 1944, Bernardo Élis se tornou vanguardeiro de um novo ciclo da ficção brasileira – o do sertanismo goiano-mineiro. Cronologicamente, é ele o primeiro. Vieram depois Guimarães Rosa (*Sagarana* é de 1946), Mário Palmério (com *Vila dos Confins*, em 1956) e José J. Veiga (*Os cavalinhos de Platiplanto*, 1959). E a literatura do Oeste passou a competir em prestígio e significado nacional com a literatura do Nordeste, que se havia transformado numa literatura líder, a partir da fornada dos grandes romances de conteúdo social iniciada com *A bagaceira*, de José Américo de Almeida. A literatura do Nordeste ficou ligada à Revolução de 1930 (Barbosa, 2008, p. 11-14).

Os escritos de Bernardo Élis ocuparam-se das experiências, sociabilidades e práticas do homem, camponês ou provinciano, no oeste brasileiro. O título *Ermos e gerais* é eloquente acerca da centralidade do ambiente físico na conformação dos dramas vividos por seus personagens: o termo "ermos" se refere a lugares distantes, ainda em grande parte desabitados e compostos por terras devolutas, e somam-se às "gerais", forma coloquial de referir-se ao cerrado. Ambos dizem respeito tanto a uma paisagem quanto a uma condição humana. A diversidade dos personagens, pertencentes a diferentes estratos sociais, não apagou a imposição do ambiente natural sobre todos.

Enquanto na obra de Bernardo Élis o despotismo da natureza define alguns dos dramas fundamentais vividos por seus personagens, dominados pelas precárias condições de sobrevivência que o próprio autor vivenciou, a obra de Hugo de Carvalho Ramos evidencia os hábitos como virtude do homem goiano ao apresentar a superstição como expressão de crenças prevalecentes de uma sociedade que viveu os efeitos da crise aurífera no final do século XVIII – que deu origem à lenda da Mãe do Ouro (Souza, 2012). As memórias coletivas acerca das assombrações, como a Mãe do Ouro, passaram a permear a vida de diversos escritores, que escrevem sobre seus mundos reais e sobrenaturais, realidades e ficções reverberadas de mundos reais, seja usando termos como sertões, cerrados, ermos, gerais ou cafundós.

2. O sertão em Hugo de Carvalho Ramos

Para entender a questão da memória individual e coletiva no conto A madre de ouro, em *Tropas e boiadas*, é necessário levar em consideração o contexto histórico das alternadas visões de pessimismo e otimismo que prevaleceram em Goiás, na historiografia e na política, o que influenciou a produção literária da região (Chaul, 1997). Além disso, é fundamental compreender a relação da vida pessoal de Hugo de Carvalho Ramos com seu processo criativo, ou, como Paul Ricoeur defende, explicar "a própria noção de aplicação da ficção na vida" (Ricoeur, 1991, p. 37).

Para ele, dessa discussão resulta,

> [...] que narrativas literárias e histórias de vida, longe de se excluírem, completam-se, a despeito ou por causa de seu contraste. Essa dialética nos lembra que a narrativa faz parte da vida antes mesmo de se exilar da vida na escrita; ela volta à vida segundo as múltiplas vias de apropriação e ao apreço das tensões inexpugnáveis que acabamos de dizer (Ricoeur, 1991, p. 193).

No conto percebe-se a nostalgia presente nas memórias pessoais e uma visão relativamente mais crítica nas entrelinhas das descrições. Não são perspectivas comprometidas com viés de alguma natureza (Ramos, 2023), mas com manifestações criativas oriundas da memória individual Hugo de Carvalho Ramos. Nesse sentido, a memória se manifesta como *Mnemosine*, a musa que recorda e inspira os poetas na dupla atividade de armazenar e produzir histórias. A identidade, portanto, é nutrida pelas lembranças pessoais que, em partes, são correspondentes a memórias coletivas pelas vivências experimentadas por pessoas que habitam no sertão goiano, corroborando a formação de uma identidade coletiva (Dutra e Silva *et al.*, 2017).

Esse processo não acontece de maneira intencional, embora muitas vezes tenha sido apropriado por interesses políticos regionalistas que almejavam a construção de uma nacionalidade. Neste conto há um recorte que possibilita um mergulho na memória do autor. Ao apresentar a cidade de Bonfim antes de descrever uma famosa lenda local Hugo de Carvalho Ramos deixa aflorar certo saudosismo pela conservação do antigo modo de vida, sem conseguir esconder a decepção com a situação que presenciou:

> Como Goiás, a Triste, embala-a o mesmo sono de duzentos anos de Bela Adormecida, com as reminiscências da época da descoberta, as aluviões de aventureiros e desbravadores à cata do rico filão, página heroica do esforço extinto da raça, que à memória apraz reviver. Escavações profundas, minas ao desamparo, veeiros revolvidos, barrocas solapadas, esboroando-se nas chuvas, velam de melancolia o olhar do viandante que demanda àquele recanto do Planalto. E à medida que se aproxima de seus arredores, mais vivos e constantes são os atestados do delírio avoengo em esmiuçar, estripando-as, as entranhas da terra, para delas dar cibo e páscigo à sede do luxo, ao esplendor bizantino da velha metrópole, já então em via franca de decadência. Hoje, minas, lavras, catas, tudo jaz ao abandono. Alveja em montes o pedrouço das formações à beira das estradas; uma com a verde de gordura corre a crista dos valos e carreiros argilosos e tristes, outrora sacudidos pelo estalo do relho dos feitores e o grito angustiado da escravatura, na lavagem do cascalho. Foram-se os antigos bateeiros da descoberta, extinguiu-se a febre da mineração; ficou, enraizada, uma população pacífica e laboriosa, que faz a prosperidade do município na lavoura, na criação do gado, no comércio das letras, em outras profissões liberais (Ramos, 2023, p. 78).

O mesmo olhar que valoriza o passado também marca o tom romântico que caracteriza sua narração regionalista. O discurso de decadência aurífera se prolonga, tendo como combustíveis sentimentos ligados à tristeza e à melancolia, relativamente constantes no texto.

Por outro lado, é impossível ignorar o paralelo final, quase imperceptível diante do desencantamento, que afirma um presente de prosperidade na cidade de Bonfim. Ele fala do pós-mineração, mas indica a possibilidade de estabilidade e progresso em atividades econômicas diferentes daquelas de um passado glorioso (Souza, 2012). O autor possivelmente viveu tudo isso e fala da cidade ao descrever suas lembranças do lugar, o que acaba por criar uma enunciação mágica guardada em sua memória, a qual é quebrada pelo entendimento racional de um evento quando explica que a brilhante bola de fogo, projetada de uma pedra no fundo do Poço da Roda durante a noite, não passava de um cometa interpretado pelo sertanejo de maneira lúdica e que gera a famigerada lenda da Mãe do Ouro.

Embora transpareça que “as visões alternadas entre o pessimismo e otimismo” (Chaul, 1997, p. 11) nas vozes de seus personagens estejam atreladas a projetos políticos típicos do século XX, é preciso pontuar que esse paradoxo antecede as obras regionalistas. Na verdade, remonta aos tempos de ocupação e mineração da região.

Assim, encontra-se uma possível resposta na análise da relação entre a biografia do autor e as estratégias de construção dos textos que, por vezes, de maneira intencional ou não, obliteram ou expõem a sua memória pessoal. O relacionamento complicado com a mãe, a

mudança para o Rio de Janeiro, a saudade do pai e da infância em Goiás, o saudosismo de um estilo de vida mais simples e uma suposta homossexualidade (Souza, 2012) são elementos especulativos em torno de seu suicídio e que corroboram para que se note que a alteração de humores na enunciação da obra é mais resultado de memórias e identidades individuais do que fruto de um projeto político articulado.

Suas descrições tão precisas da geografia do sertão goiano, da indumentária, dos gestos e trejeitos de seus personagens remetem o leitor à memória de Hugo de Carvalho Ramos. Em muitos contos, após essas revelações descritivas das lembranças virem à tona, entra em cena um *mise en abyme*, que transporta o leitor no causo, na lenda ou história em questão, em uma atmosfera misteriosa que, inesperadamente, é quebrada por aquele sopro de racionalidade. Em Madre do Ouro o mergulho do autor funciona como elemento divisor que motiva o deslocamento da *Menmosine* armazenadora de informações para ativar a criadora, a prática artística (Souza, 2012).

Em uma região historicamente tão diversa, muitas vezes descrita como de múltiplas transições – de pessoas, produtos e ideias, o autor costura uma identificação com o sertão a partir de suas memórias íntimas. Sempre invocando um território que, como se sabe, é fronteiriço, provocando o leitor a entender que a identidade goiana é possível ser pensada a partir de uma perspectiva mais fluida, ligada menos ao regionalismo que à noção de "contrabando cultural" – uma ação de infiltração de valores externos. Para Hugo de Carvalho Ramos a ideia de sertão é remetida a rincões dos cafundós, lugar visível quando de resultados do contato com outras influências, especialmente mediadas por tropeiros e boiadeiros, que, ao viajarem de uma região para outra, aproximam as distâncias estabelecendo comunicações, tudo em decorrência da atividade pecuária como forma de comércio (Ramos, 2023).

3. O sertão em Bernardo Élis

Ao estudar a evolução econômica do estado de Goiás, Francisco Itami Campos enfatiza que a pecuária foi, historicamente, a atividade responsável pela inserção da economia goiana no cenário nacional e pela abertura de novas frentes de expansão no território, assim como promoveu sua ocupação e tornou-se a principal atividade econômica de Goiás após a crise da mineração (Campos, 1985). Isso pode ser explicado pelas condições da pecuária extensiva, que exigia pequeno capital e pouca mão de obra, beneficiando-se do território abundante em terras de baixa densidade demográfica. Além disso, a topografia

favorável e a mobilidade da mercadoria propiciaram seu desenvolvimento nessa região distante do mercado consumidor, compensando a falta de estradas e ferrovias para o transporte e a expansão da pecuária. Alargavam-se, assim, as fronteiras goianas, impulsionando a conquista de novos territórios por meio do desbravamento de matas e cerrados para a criação de gado. De modo que a ocupação de grandes extensões de terra, principalmente nas áreas de cerrado, foi promovida pela expansão da criação de gado desde o final do século XIX (Borges, 2000).

O cerrado brasileiro experimentou diversos processos de intervenção humana ao longo do tempo. Considerando as diferentes temporalidades na eco-história do Planalto Central, traz-se o foco para os processos de expansão da fronteira em direção à incorporação do cerrado ao território, a partir do século XVIII. Foi nesse contexto que Bernardo Élis construiu o seu universo literário, ambiente centrado nas relações do homem com a natureza e nos processos de formação social característicos da fronteira oeste do Brasil.

A obra ficcional de Bernardo Élis pode ser lida como uma expressão desse avanço humano no território da fronteira, em convívio, entretanto, com os espaços naturais que definiam os "vazios" isolados e obscuros. Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em 15 de novembro de 1915, nos "cafundós" e "nos ermos" do distante Goiás, segundo suas próprias palavras, e produziu diversas obras, entre elas o consagrado livro *Ermos e gerais*, lançado em 1944. Sua literatura remete ao conceito de domínios da natureza porque integra a representação da paisagem – recurso literário intensamente utilizado em suas narrativas –, elementos culturais e processos ambientais, valorizando a relação do homem com o meio na dinâmica de suas interações, harmônicas ou conflituosas, incluindo, como conflito, questões de políticas partidárias e de políticas de terras (Gomes, 2020).

No conto Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá, presente em *Ermos e gerais*, Bernardo Élis lança mão da observação da natureza. Embora o autor assuma uma função poética homologada em uma narrativa dramática ao evidenciar o drama do sertanejo nos ermos da fronteira, ele também realça o realismo das formas de coação exercidas sobre os personagens, que vivem experiências de abandono e desumanização.

A partir do imaginário noturno das chuvas, dos rios que transbordam e as aflições desesperadas pela perda de pessoas amadas, o autor apresenta a composição de uma atmosfera povoada pelos medos que caracterizavam o seu convívio com o meio impiedoso dos ermos de Goiás. Com a narrativa da casa de sapé que rui com o temporal o autor cria um universo de signos que parece fugir ao alcance da razão: o medo da morte, as falsas

aparências, os limites excedidos; sugestões que apontam para um fantástico mundo de mistério e horror, pois a história finda com o afogamento da matriarca, o desaparecimento do cão e o silêncio que engole o filho sobrevivente.

Nesta narrativa memorialística a noite associa-se a uma condição sublime própria à natureza, em contraste com a revelação do grotesco repertório das fraquezas e misérias humanas reveladas pela dinâmica entre indivíduos e grupos humanos. Nas memórias de Bernardo Élis a superposição de tais dimensões é revelada pela influência de Rosa, uma criada sertaneja, fruto de um ramo decadente da tradicional família dos Fleury-Curado que havia prestado serviços em sua casa de infância. A personagem acolhida em decorrência de uma tragédia familiar, posiciona-se frente à vida e aos seus dramas de maneira a evidenciar o que eram, na visão do escritor, as fragilidades da educação recebida dos pais.

Embora reconhecesse nela um exemplo de bravura e determinação, a despeito dos seus próprios dramas, a força da relação de Rosa com o mundo trágico e maravilhoso dos confins do sertão define o seu estranhamento em relação aos aspectos sobrenaturais da imaginação sertaneja:

> [...] eu compunha a minha própria canção narrando estórias fabulosas, geralmente trágicas, como as que Rosa nos narrava, de mortes e assombrações, de feiticeiros e fadas miraculosas, a inúmeras assombrações que moravam em cada recanto da casa, em cada beco, em cada esquina, com os quais éramos ameaçados a cada instante" (Élis, 2012, p. 42).

O menino é criado, assim, em um universo povoado de temores: às sugestões atemorizantes das entidades sobrenaturais, somavam-se animais selvagens, gado indomado e, especialmente entre as crianças, relatos fantasiosos de sequestros, mutilações e assassinatos perpetrados por ciganos e índios. Diferentemente da personagem das memórias do escritor, Rosa não estava em comunicação com o mundo sobrenatural, mas sim com a natureza, com a qual se confunde, sendo capaz de conjurar suas forças para transformar o ambiente doméstico de acordo com os códigos do sertão (Élis, 2012).

Partindo dos níveis de análise da interação entre cultura e natureza propostos por Worster (1991) pode-se observar a relevância do estudo da obra de Bernardo Élis a partir do referencial teórico da história ambiental. Assim, do ponto de vista da interação entre o homem e o meio, o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá* se destaca. Nele é narrada a trajetória de uma família de imigrantes mineiros que vieram para a fronteira goiana, na

segunda metade do século XIX, temporalidade explicitada pela referência à chegada da família “no tempo da Guerra do Lopes, ou antes ainda” (Élis, 2005, p. 5).

O texto tematiza a precariedade da sobrevivência no sertão goiano durante os anos em que as ondas migratórias se deslocavam para a fronteira, apresentando, como circunstâncias paralelas, a presença constantemente ameaçadora do rio e a condição de passividade em que havia sido lançada a família que, apesar do desejo de fixar-se em um terreno em áreas devolutas do sertão goiano, não encontra alternativas de vida e vai se deixando ficar. Isso conduz à aniquilação de muitos de seus membros e de seus recursos materiais, em meio à limitação das condições produtivas e às doenças contraídas em função da proximidade com o rio, definidas genericamente como “maleita”.

O conto narra uma noite de destruição causada pela cheia repentina do rio, o que conduz ao extermínio dos últimos remanescentes da família: Nhola (a velha matriarca), Quelemente (o filho) e o neto, não identificado nominalmente no texto, além do cachorro Chulinho.

> ‘Este ano, se Deus ajuda, nóis se muda’. Há quarenta anos a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido: ‘Nóis precisa se muda, pruquê senão a água leva nóis’. Ele morreu de maleita e os outros continuaram no lugar. Depois era o filho que falava assim, mas nunca se mudara. Casara-se ali: tivera um filho; a mulher dele, nora de Nhola, morreu de maleita. E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado (Élis, 2005, p. 42).

Há, assim, uma correlação imediata entre o poder de aniquilação da natureza e a incapacidade da família de opor qualquer resistência a ela, de maneira que seu destino se impõe como uma desgraça anunciada, perfeitamente previsível e antecipada pelas próprias vítimas. A força da natureza soma-se, assim, ao baixo nível de racionalização dos personagens, em relação ao qual o narrador não demonstra uma postura de fácil condescendência: além de se fixarem em uma localização sabidamente ameaçadora, reagem ao perigo iminente da cheia com superstições – como a de desenhar na terra três círculos concêntricos – e práticas tradicionais ineficazes: “Dependurou numa forquilha, – que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva” (Élis, 2005, p. 4).

O poder da natureza na obra de Bernardo Élis está muito além, portanto, de seu sentido simbólico: sua força é, em muitos momentos, objetiva e massacrante, mas essa condição não é vista como necessária e sim como um reflexo de limitações sociais,

tecnológicas e mentais. No conto citado a avó paralítica, o filho indolente e o neto opilado representam as três gerações de moradores que sobrevivem precariamente ao meio insalubre. Na cena de maior dramaticidade os três vagueavam no rio em uma jangada improvisada, uma porta tecida com palha de buriti, lutando contra a violência das águas que rumavam em direção à cachoeira, o salto do Corumbá. A velha matriarca cai no rio e fica presa a essa jangada, tentando agarrar-se a ela, mas, diante do perigo iminente, o filho vê-se no dilema de escolher entre o socorro à mãe entrevada ou a proteção do filho e de si mesmo, em meio à fúria das águas e à proximidade fatal da cachoeira. Quelemente, enfim, dá-lhe um chute de desespero, lançando-a na escuridão das águas. Porém, ao perceber a violência moral do seu ato, deixa-se afinal levar pela correnteza. "Era o rio que reclamava mais uma vítima", pontua o narrador (Élis, 2005, p. 10).

O escritor adota, no conto, uma perspectiva inversa à da observação do nomadismo que caracterizou a inserção territorial da população pobre no Brasil. A Lei de Terras de 1850 criou o mercado fundiário no Brasil como reação à extinção do tráfico de pessoas escravizadas, ocorrida no mesmo ano. A lei manteve a tendência à formação de latifúndios e dificultou o acesso à propriedade pelo trabalhador pobre, prendendo-o, assim, a uma persistente condição de dependência. A concentração da propriedade territorial somada a eventos como a Guerra do Paraguai, a Abolição da Escravatura (Cury,1997).

Na narrativa de Bernardo Élis a pobreza das condições de vida tem efeito contrário: mantém a família presa a um território insalubre e ameaçador. Se, no caso das populações nômades, a mobilidade é uma condição de sobrevivência no contexto de escassas possibilidades de melhoria, entre a família dos Anjos a permanência à beira do rio não era um sinal de fixação ao solo que significasse constância, continuidade ou melhoramento, mas apenas de inércia, passividade ou temor.

A presença destrutiva dos elementos naturais é, na obra de Bernardo Élis, bem mais notável que qualquer sugestão de abundância de recursos ou de prosperidade. As cheias oferecem alguns dos momentos mais dramáticos dessa literatura e podem ser tomadas como símbolos de uma natureza excessiva, perturbadora, que impunha empecilhos vários à sua instrumentalização.

A natureza é uma dimensão fundamental do universo dramático dos contos de Bernardo Élis, mas seu impacto deve ser sempre analisado também do ponto de vista das condições materiais, técnicas e sociais de sobrevivência das populações pobres do país, em particular nas regiões distantes dos centros econômicos mais produtivos. Portanto, deve

também ser observado o segundo nível de análise da relação entre sociedade e ambiente natural proposto por Worster (1991), ou seja, as circunstâncias sociais da inserção do homem no espaço geográfico; pode-se observar, então, o quanto elas condicionam o primeiro nível. No caso do conto sobre a cheia do rio Corumbá o sofrimento dos moradores da beira do rio e sua dificuldade de realocação podem ser relacionados às condições político-institucionais em vigor, que limitavam o acesso à terra, criando uma condição de marginalidade que se estende ao longo de três gerações acuadas pelos perigos da cheia e da insalubridade do rio (Gomes, 2020).

Abrigar outra dimensão da literatura de Élis: a representação da paisagem, pensada como organização estética da natureza, imagem traduzida em palavras nos trechos mais poéticos da obra do escritor goiano. Em *Paisagem e memória,* Simon Schama traz à tona os mitos e rituais de celebração da natureza que, aparentemente ausentes da sociedade tecnológica e materialista, manifestam-se com todo seu vigor e impacto em formas diversas de culto.

Percorrendo diferentes contextos espaciais e temporais, Schama (1996) demonstra como a natureza mantém-se como um dos suportes fundamentais da cultura, povoando nosso imaginário de símbolos, cenas e impressões do mundo físico, por meio dos quais conferimos significado às nossas experiências. A paisagem inscreve-se, simultaneamente, no espaço e no tempo, nas lembranças do indivíduo e na memória coletiva, não apenas como espaço de contemplação, mas também como representação das tensões e danos que marcam a trajetória dos grupos sociais e implantam imagens duradouras do mundo físico na sensibilidade dos homens.

É nesse sentido que se pode pensar a observação dos cenários naturais na obra de Bernardo Élis, que foi, sem dúvida, um dos grandes paisagistas do regionalismo brasileiro ao fazer, da descrição da natureza, um contraponto perfeito ao universo desencantado das interações humanas (Gomes, 2020). Na natureza goiana nada vemos que lembre a insipidez da rotina e as possibilidades limitadas de seus personagens, presos, em geral, à sua condição de carência de recursos materiais e mentais. A observação da natureza é, muitas vezes, na prosa de Bernardo Élis, uma forma de redenção do homem em face dos pequenos e grandes dramas vividos nas roças e povoados do sertão.

Considerações finais

Caipiras, tropeiros, boiadeiros, supersticiosos, contadores de causos, viajantes. São muitos os adjetivos presentes nas memórias de Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis a referendar o cerrado, os ermos, gerais e cafundós de Goiás. Fronteira entre Minas Gerais e a Bahia, o sertão goiano é personagem e cenário que guarda lugares dentro do lugar (Tuan, 2013). Comparativamente, a noção de sertão goiano transita do cenário lírico e fatalista de Hugo de Carvalho Ramos para um espaço de conflito social e crueza em Bernardo Élis. Embora ambos utilizem o ambiente rural de Goiás como base, suas perspectivas definem diferentes temporalidades do regionalismo brasileiro.

Em *Tropas e boiadas* o caráter fatalista e mítico do conto sobre a Mãe do Ouro concebe o cenário sertanejo mais do que como palco no qual a terra transcende o aspecto da solidão humana, apresenta-se como repositório de lendas que, além de explicar a natureza inacessível às jazidas de ouro guardas pelo solo, mostra como o homem está à mercê de forças sobrenaturais de algo que ele mal compreende. Um cenário que serve como espelho da alma melancólica do sertanejo, preso entre a dura realidade do gado e o encanto das tradições orais na qual transita.

No conto Nonha dos Anjos e a cheia do Corumbá o cenário é a fronteira. Um espaço onde a natureza, o rio Corumbá, não é apenas paisagem, mas um agente de destruição que expõe a precariedade da vida humana. O conceito de sertão aqui abandona o lirismo e, na luta contra a enchente, o personagem Quelemente é forçado a um ato extremo de sobrevivência: o martírio de Nhola dos Anjos, simbolizando um sertão onde a miséria absoluta anula os vínculos morais entre mãe e filho. Diferentemente do que se vê em Hugo de Carvalho Ramos, onde a natureza é mágica, em Bernardo Élis ela é dura e brutal. O sertão é palco da exclusão social de sertanejos pobres que vivem à própria sorte.

Guardadas as proporções, enquanto para Hugo de Carvalho o sertão encanta e amedronta pelo mistério, para Bernardo Élis as armadilhas geográfica e social despojam o homem de sua dignidade, realidades vividas e eternizadas pelos próprios autores.

Referências

ABDALLA, Maria Cecília Ribeiro; GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. Gesta de assombros: a obra regionalista de Bernardo Élis e as paisagens da cultura de Goiás. *Revista de Letras*, Anápolis, v. 13, n. 1, p. 105-122, 2023. Disponível em: https://www.revista.ueg.br/index.php/buildingtheway/article/view/13675. Acesso em: 17 abr. 2026.

BARBOSA, Francisco de A. Nota da editora: romance de protesto. *In*: ÉLIS, Bernardo. O *tronco*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008. p. 11-13.

BORGES, Barsanulfo Gomides. A economia goiana na divisão regional do trabalho (1930-1960). *In*: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (org.). *Relações cidade-campo*: fronteiras. Goiânia: Ed. da UFG, 2000. p. 36-42.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: Memórias e história. *Cadernos. Cedes*. Ano XX. Nº 50, 2000.

CAMPOS, Francisco Itami. *Questão agrária*: bases sociais da política goiana (1930-1964). 1985. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Departamento de Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, 1985.

CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás*: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: CEGRAF, 1997.

COSTA, Nalha Monteiro de Souza Lourenço. *Encontro de discursos nos contos de Tropas e boiadas, de Hugo de Carvalho Ramos*. 2018. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: https://tede2.pucgoias.edu.br/bitstream/tede/3997/2/Nalha%20Monteiro%20de%20Souza%20Louren%c3%a7o%20Costa.pdf. Acesso em: 17 abr. 2026.

CURY, Zilda Ferreira. Os sertões: a nação ficcionalizada. *Aletria*: Revista Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 5, p. 231-242, out. 1997. DOI: https://doi.org/10.17851/2317-2096.5..231-242. Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/17759. Acesso em: 17 abr. 2026.

DUTRA E SILVA, Sandro *et al***.** O cerrado goiano na literatura de Bernardo Élis sob o olhar da história ambiental. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 93-110, jan./mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/hcsm/a/QMyqHNZ8yWrgdTJsGcyTscM/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 17 abr. 2026.

ÉLIS, Bernardo. A vida são as sobras. *Remate de Males*, Campinas, v. 17, n. 1, p. 15-116, 2012. DOI: 10.20396/remate.v17i1.8635915. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8635915. Acesso em: 17 abr. 2026.

ÉLIS, Bernardo. *Ermos e gerais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FERNANDES, Felipe Moura. *Tristes fins de Policarpo Quaresma*: Brasil entre ficções geográficas no sertão/litoral. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22052017-113003/publico/2017_FelipeMouraFernandes_VCorr.pdf. Acesso em: 27 abr. 2026.

GOMES, Luciana Coelho. *Hugo de Carvalho Ramos*: uma obra no intervalo entre a tradição e a modernidade. 2020. Tese (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/30215/1/HugoCarvalhoRamos.pdf. Acesso em: 17 abr. 2026.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. Goiânia: Ed. Chafariz, 2023.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*. Campinas: Papirus, 1991.

ROUANET, Sergio Paulo. Canudos chega à Alemanha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 set. 1995. Caderno Mais. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/9/03/mais!/3.html. Acesso em: 27 abr. 2026.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória***.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, René Marc da Costa. O não-branco, o sertão e o pensamento social brasileiro. *Prisma*: Direito, Políticas Públicas e Mundialização, Brasília, v. 3, n. 2, p. 427-454, jul./dez. 2006. DOI: 10.5102/prismas.v3i2.260. Disponível em: https://www.gti.uniceub.br/prisma/article/viewFile/260/210. Acesso em: 17 abr. 2026.

SOUZA, Loraine Resende**.** A natureza de Bernardo Élis no conto Nhola dos Anjos e a cheia do rio Corumbá. *Anais do Simpósio Nacional Espaço, Economia e Políticas Públicas*, Anápolis, v. 2, n. 1, p. 305-307, 2012. Disponível em: https://www.anais.ueg.br/index.php/sineep/article/view/775. Acesso em: 17 abr. 2026.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar***:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Eduel, 2013.

VIANA, Oliveira. Populações meridionais do Brasil- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

WORSTER, Donald. Para fazer história ambiental. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198-215, 1991. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2324/1463. Acesso em: 17 abr. 2026.